

A EDUCAÇÃO PARA O AMOR COMO PRINCÍPIO PARA A SAÚDE DA ALMA À LUZ DA PAIDEIA GREGA: LIÇÕES À CONTEMPORANEIDADE.

Letícia Moreira Medeiros de Figueiredo ¹
Hannah Letícia Araújo Oliveira ²
Júlia Almeida de Araújo ³
Dalvanice de Araújo Fernandes ⁴
Emmanoel de Almeida Rufino ⁵

INTRODUÇÃO

Desde há muito e em variadas civilizações, o tema do amor foi recorrentemente abordado por sua importância como fenômeno revelador da experiência humana no mundo das relações. Na cultura ocidental, essa temática despontou distintivamente a partir das narrativas mitológicas, estendendo-se à literatura e à filosofia. A educação para o amor constituiu um dos principais pilares da *paideia* grega, modelo de formação greco-antigo e notável berço da cultura educativa ocidental. Apesar do relevo dado pela *paideia* a essa temática, a tradição civilizatória ocidental foi encontrando nuances estranhas – à cultura greco-antiga – como quando se opta por reduzir o amor a fenômenos fragmentários, ou seja, a experiências que não compreendam o humano – e sua experiência no mundo – como um todo biopsicossocial. Relações intersubjetivas desalinhadas com as premissas médico-filosóficas da vida apaixonada e apaixonante (apregoadas pela cultura hipocrática) são vistas na *paideia* como princípio de desarmonia e adoecimento humano. Não por acaso falava-se de viver com saúde ética. É sobre essa relação entre comportamento ético e cuidado da harmonia psicossomático que vamos apoiar essa investigação, percebendo essa problemática dentro do horizonte pedagógico que os preceitos médico-filosóficos da *paideia* repercutiam no mundo grego.

¹ Estudante do Curso Técnico em Controle Ambiental Integrado ao Médio do IFPB (*Campus* João Pessoa), moreira.leticia@academico.ifpb.edu.br;

² Estudante do Curso Técnico em Controle Ambiental Integrado ao Médio do IFPB (*Campus* João Pessoa), hannah.oliveira@academico.ifpb.edu.br;

³ Estudante do Curso Técnico em Controle Ambiental Integrado ao Médio do IFPB (*Campus* João Pessoa), almeida.julia@academico.ifpb.edu.br;

⁴ Estudante do Curso Técnico em Controle Ambiental Integrado ao Médio do IFPB (*Campus* João Pessoa), dalvanice.araujo@academico.ifpb.edu.br;

⁵ Professor orientador: Doutor em Educação (UFPB), Professor do IFPB (*Campus* João Pessoa), emmanoel.rufino@ifpb.edu.br.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

O trabalho assumirá tipologia teórica, uma vez que se trata de investigação bibliográfica, tomando como base as reflexões sobre mitologia grega tal como aparece no “Mitologia Viva” de Viktor D. Salis (2011), relacionando-os com as obras “O Banquete” de Platão (2003) e “Amor Líquido” de Zygmunt Bauman (2021), obras referenciais para nossa análise comparativa entre as concepções de amor da Antiguidade e da Contemporaneidade ocidental.

REFERENCIAL TEÓRICO

Em sua obra “Amor Líquido” (2021), Bauman discorre da frágil situação na qual se encontra o amor na sociedade moderna, principalmente sobre a superficialidade e artificialização dos relacionamentos amorosos e sobre a dificuldade de conhecer o próximo em meio aos avanços tecnológicos e à vida urbana, ao constatar que as cidades são “lugares onde estranhos se encontram, permanecem próximos uns dos outros e interagem por longo tempo sem deixarem de ser estranhos” (BAUMAN, 2021 p. 129). Também introduz um conceito que diz respeito às relações descompromissadas altamente cobiçadas na atualidade por serem curtas e de fácil rompimento, as quais ele intitula como “relações de bolso”.

O medo das diferenças do outro, da complexidade de amar e a insegurança em deixar-se conhecer são importantes agentes no decorrer do livro e estão presentes em todas as circunstâncias que tornam o amor contemporâneo frágil e que levam o autor a criticar a tentativa da sociedade de tentar rotular o amor como algo perfeito e simples.

Ainda na temática referente às perfeições impossíveis na arte de amar, no livro “O Banquete”, descobre-se a origem mitológica do Amor através de uma conversa entre Sócrates e Diotima. De acordo com o mito, o Amor - em letras maiúsculas por se tratar de uma divindade - advém dos deuses Pobreza e Recurso, sendo caracterizado como pobre, descalço, desabrigado e, no entanto, corajoso, decidido e filósofo (PLATÃO, 2003 p. 36). Contudo, essa divindade imperfeita não se detém apenas a seu próprio mito, influenciando muitos deuses gregos em suas trajetórias, como nos mitos de Eros, do Hermafrodita e de Antígona presentes no livro “Mitologia Viva” do mitólogo Viktor D. Salis (2011).

No mito de Eros, o Deus cupido, símbolo do amor e do desejo, era proibido de ser visto, apenas era possível senti-lo. O ensinamento de que não se pode tentar conhecer o amor racionalmente, apenas aceitá-lo e vivê-lo, aceitando o próximo como ele é, é relatado pelo

próprio à sua amada após, em um desvio de confiança, tê-lo visto na calada da noite (SALIS, 2011 p. 109-115).

O irmão de Eros, no entanto, está presente em “O Hermafrodita”, mito no qual há o processo de apaixonar-se por sua metade perdida devido a uma sensação de insatisfação. Tal relação ocorre pelo Anteros - paixão que complementa um indivíduo - no sentido de que o ser humano constantemente buscará o caminho para algo que o complete (SALIS, 2011 p. 157-159). Em contrapartida, o mito de Antígona, aparentemente destoante dos anteriores por não estar no grupo dos mitos amorosos, trata de sua trágica morte na tentativa de honrar o seu irmão. Não obstante, o Deus do amor se faz novamente presente em uma narrativa implícita sobre uma das formas mais assustadoras e difíceis de amar para a humanidade: o amor-próprio (SALIS, 2011 p. 199-203).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir desse contexto, percebeu-se que, na contemporaneidade, o amor deixou de ser algo sagrado e cultuado e passou a ser banal e muitas vezes menosprezado e julgado pela sociedade, na qual, como apontado por Baumann, as pessoas querem permanecer estranhas umas às outras.

Também se observou uma intensa ruptura com os preceitos gregos e um cenário de fragilidade nas relações humanas, devido à individualidade, o medo do compromisso, a falta de dedicação e esforço entre os indivíduos e o imediatismo amoroso decorrente do cenário mundial no qual há a incessante troca de informações e respostas cada vez mais rápidas, não respeitando o tempo levado para cultivar uma relação fidedigna com real troca de sentimentos. Nesse sentido, vale utilizar-se de alguns aprendizados apresentados pelos mitos gregos para compreender melhor a falha na aceitação do amor.

Em “O Banquete”, por exemplo, ao abordar o amor como proveniente de dois opostos, Platão (2003) demonstra também como é a relação dos indivíduos para com esse sentimento. Enquanto para a pessoa que ama, o seu amado sempre será delicado, belo e “perfeito”, a sensação que está presente em si mesmo é um turbilhão de emoções conturbado, bruto e muitas vezes sofrido, que não deixa de ser amor independente da imperfeição do sentimento. Sendo assim, o amor seria a sensação que um indivíduo tem em si mesmo para com o outro e, se mútuo, a conexão emanada entre o amor desses dois indivíduos em si mesmos para com os parceiros, representando tanto o equilíbrio entre eles, quanto a presença de atributos positivos e negativos em si e na relação (porém, não se deve confundir essa imperfeição sadia com os relacionamentos nocivos a uma das partes).

A problemática está presente justamente no fato contemporâneo de muitos indivíduos não aceitarem imperfeições e diferenças nos(as) parceiros(as) ou não reconhecerem as que estão presentes em si mesmos, sempre em busca de um relacionamento perfeito sem complicações ou de curta duração para que o tempo não as demonstre.

Ainda nessa perspectiva, nota-se, nos mitos do Hermafrodita e de Eros, uma situação semelhante. No primeiro, os antigos gregos aspiravam encontrar a parte que complementaria o seu ser. Esse ensinamento serve para mais de um âmbito do amor humano, podendo ser para um parceiro, sonho, ambição, lazer ou qualquer outra circunstância que traga bem-estar ao indivíduo. Ao buscar sua parte faltante, o ser humano moderno não aceita as diferenças e dificuldades para com quem se relaciona e vive num ciclo constante de insatisfações, saindo de uma “relação de bolso” para outra e mesmo assim se sentindo incompleto pela superficialidade proveniente dela.

Já no segundo, depois de ter estabelecido a condição de não poder ser visto apenas sentido, Eros deve deixar sua amada após ela ter quebrado sua confiança. O ensinamento desse mito preza pela fidelidade entre parceiros e no fato de que não se pode enclausurar o amor em algo físico, pois é um sentimento subjetivo que varia de indivíduo para indivíduo na forma de sentimento. Tampouco é algo para ser conhecido com os olhos, ou seja, não pode deter-se apenas na aparência por ser muito maior e mais intenso que ela. Portanto, mais um preceito amoroso vai de encontro com a frágil modernidade líquida, pois a sociedade julga sua nova forma de amor como superior, invalidando e repudiando quem não a adote e ainda, estabelece laços inseguros com os demais, provável motivo que estimula o medo de se entregar para o amor e se esforçar por ele.

Por fim, porém não menos importante, está Antígona. Apesar de aparentar não possuir correlação com o tema amor, o mito trágico de Antígona pode inferir sobre o tipo de amor mais temido pelos seres humanos e o mais raro na contemporaneidade, que é o amor-próprio. Antígona, uma jovem tebana, conflituou com seu próprio tio e rei de Tebas em busca de uma morte digna para seu irmão. O mito termina tragicamente com a heroína condenada à morte pelo ato e a peça ganhou destaque justamente pela bravura da moça em uma Atenas extremamente falocrata.

Desse modo, identifica-se o sacrifício dela não apenas como uma maneira de honrar a morte do irmão, mas também o amor-próprio da jovem de lutar pelo que ela acreditava ser o correto independente do julgamento de uma *pólis* – cidade - inteira. Tal ato, por mais que inicialmente não se conecte com os outros mitos amorosos, serve de ensinamento para a população mundial atual pois, muitas vezes, as pessoas sofrem por constantemente submeterem-se a situações

danosas para si mesmas para serem aceitas socialmente, causando malefícios emocionais e mentais. E qual seria a forma mais pura de amor se não a de um indivíduo entender o que o faz bem e não aceitar atitudes que o desmereçam? Antígona ensina, portanto que se requer coragem tanto para amar o próximo, quanto a si mesmo e saber o seu valor, mesmo que isso signifique romper com alguns padrões de uma sociedade que julga o amor- o verdadeiro e sagrado amor- como algo que não vale a pena cultivar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, comparando as perspectivas antigas e contemporâneas a respeito do fenômeno do amor, constata-se que há um prejuízo para os vínculos amorosos na medida que a disponibilidade e facilidade das relações é colocada acima das paixões e sentimentos de conexão para com um outro indivíduo. Também se nota que, na contemporaneidade, um hábito comum a muitos indivíduos para com o amor é a busca pela construção de relações mais flexíveis e, portanto, menos compromissadas ao estabelecimento de laços. Face ao crivo ético da concepção grega antiga sobre o amor (seja na mitologia, seja na filosofia de Platão), caberiam algumas lições pedagógicas para uma valorização do humano: dentre elas, à sociedade líquida se afirmaria a necessidade de “solidificação” dos laços amorosos criados, a fim de reestabelecer a divindade amorosa cultuada extemporaneamente, além de encaminhar-se à elevação e bem-estar da alma ao completar sua parte faltante com amor(es) incondicional(is), independentemente se esse(s) está(ão) no próprio indivíduo ou para com outro ser ou aspiração.

Palavras-chave: Amor líquido, Eros, Paideia grega, Saúde.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Z. **Amor Líquido: Sobre a Fragilidade dos Laços Humanos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

PLATÃO. **O Banquete**. Minas Gerais: Virtual Books Online M&M Editores Ltda, 2003.

SALIS, V. D. **Mitologia Viva: Aprendendo com os deuses a arte de viver e amar**. São Paulo: Editora Nova Alexandria, 2011.